

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Panará 93

Data: 31/12/72

Pg.: 25

Sinal de paz: os gigantes aceitam presentes

JOSÉ MARQUEIZ
Enviado especial

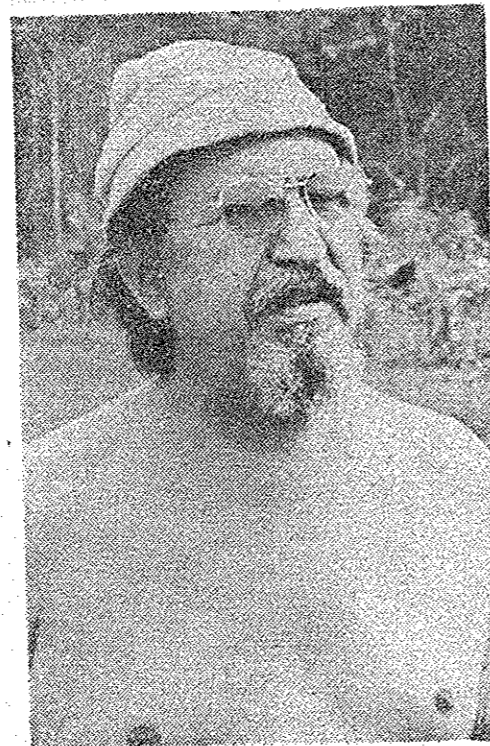


Foto do enviado especial

Os gigantes estão chegando perto do acampamento de Orlando e Claudio

Nos últimos dias, os índios gigantes têm sido vistos com frequência cada vez maior apanhando os presentes que o sertanista Claudio Villas Boas está deixando às margens do rio Peixoto de Azevedo. Embora ainda não tenha havido o primeiro contato, os sertanistas acham que isso não deve demorar, pois nas primeiras tentativas da expedição, os kranhacãcores invariavelmente fugiam antes de serem percebidos.

Há 15 dias, Claudio Villas Boas chegou inclusive a 10 metros de um índio gigante, que o ameaçou retesando o arco em sua direção, para testar sua coragem. Claudio se manteve impassível e depois de alguns instantes, o kranhacãcore fugiu embrenhando-se na mata.

Orlando Villas Boas também já se encontra no acampamento às margens do Peixoto de Azevedo. Claudio chamou-o quando pressentiu a iminência de um contato com os índios. Com a chegada do irmão, Claudio fez-lhe um relato pormenorizado do trabalho da expedição, desde o dia em que deixaram o acampamento da 2.ª Companhia do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção, no Peixoto de Azevedo, dia 21 de setembro, até os últimos apertamentos dos índios.

Desta vez, Claudio desceu o rio em seis batelões, levando 35 homens das tribos kaiabi, juruna, txukarramãe, suiá, trumai, txikã e aurá. As dificuldades começaram a surgir logo nos primeiros dias: em muitos trechos o rio não tinha mais do que 20 centímetros de água. Era preciso desembarcar e empurrar as grandes canoas feitas de tronco de cajueiro.

Uma semana depois, atingiram a margem esquerda do Peixoto de Azevedo, na altura da foz do rio Braço Norte, onde levantaram o acampamento. Mas logo no primeiro dia, mais da metade dos índios apresentavam sintomas de gripe. Mesmo com a equipe desfalcada, Claudio prosseguiu os trabalhos de abertura de uma pista de pouso para oferecer apoio logístico à expedição.

PRIMEIRA VEZ

No dia seguinte, Claudio atravessou o rio e conseguiu avistar pela primeira vez os índios. Recebendo a aproximação, eles reagiram lançando uma flecha que passou rasante sobre a em-

barcação de Claudio Villas Boas. O sertanista recomendou calma aos índios que o acompanhavam, ao mesmo tempo em que acenava para os kranhacãcores, mostrando colares e fações.

Por precaução, no outro dia, foi abandonado temporariamente o serviço de limpeza da pista de pouso e iniciado um desmatamento maior em torno do acampamento, para se evitar alguma surpresa. Mas já no dia 28, um índio da expedição notou, na outra margem do rio, a presença de um kranhacãcore que imediatamente ocultou-se no mata. Na noite do dia 29, eles apareceram novamente na outra margem assobiando, o que para Claudio significa uma demonstração de quem deseja um contato amistoso.

A mesma coisa ocorreu no dia 30, quando um índio saiu para pescar e voltou imediatamente, dizendo que tinha ouvido assobios dos gigantes. Claudio determinou então que fosse limpada toda a pista de pouso, queimado o cisco e os restos de árvores, e abrindo também um pouco mais a frente do acampamento para possibilitar melhor visão dos kranhacãcores.

Na outra margem, foi esticada um cordão entre duas árvores, onde foram pendurados, como presentes, colares e fações. No início de outubro, seis índios da expedição foram acometidos de gripe e malária. No dia 4, um kranhacãcore foi visto recolhendo apressadamente os presentes na outra margem. Trinta minutos depois, Claudio atravessou o rio e pendurou mais presentes no cordão.

A carne no acampamento já estava escassa, mas o sertanista proibiu a caça com armas de fogo na área: o estambido poderia espantar os gigantes e torná-los ainda mais arredios. A calma e o silêncio no acam-

pamento provavelmente contribuíram para que os kranhacãcores aparecessem em maior número. No dia 15, surgiu um grupo enorme — cerca de 50 — que falavam alto e gesticulavam muito. Enquanto retiravam os presentes pendurados no cordão, alguns levantavam os braços, fazendo gestos, como se estivessem pedindo a aproximação dos membros da expedição.

Claudio não hesitou. Respondeu aos sinais, fazendo gestos para que eles atravessassem o rio. Como não vinham, o sertanista com mais nove índios embarcou num batelão e se dirigiu para a margem oposta, com as mãos levantadas, exibindo colares e fações. Mas à medida em que se aproximava, os kranhacãcores se afastavam. Quando a canoa chegou à outra margem, não havia mais ninguém a vista. Mesmo sabendo, que os índios estavam vigiando os seus movimentos, escondidos no mata, Claudio ainda ficou no local 15 minutos. Deixou mais presentes e voltou para a margem direita do rio. Mal desembarcou, cinco índios gigantes reapareceram do outro lado, apanharam os presentes e sumiram. Nos dias seguintes, não houve sinais deles, embora Claudio soubesse que eles estavam por perto. E por isso orientava a todos para que demonstrassem tranquilidade, gestos amistosos e despreocupação.

AMEAÇA

No dia 19, logo cedo, os kranhacãcores reapareceram na margem esquerda do Peixoto de Azevedo. Demonstravam contentamento e acenavam para a expedição. Claudio, de novo, embarcou num batelão e dirigiu-se para lá. De pé, na canoa, gritava sem parar: "Papi, papi, papi". Segundo ele, a expressão é quase internacional e quer dizer — amigo, pai, irmão, paz, amizade. Desta vez, um dos índios esperou a canoa se aproximar. Quando estava a uns 10 metros da margem, ergueu o arco e apontou para Claudio Villas Boas. Mas logo abaixou a arma e fugiu com a companheira pela floresta.

Os kranhacãcores são índios de estatura elevada, têm os cabelos completamente raspados e seu corpo é pintado de preto, com tinta de genipapo. São esguios e de corpo atlético. Segundo Claudio Villas Boas, eles pertencem ao grande grupo indígena Gê. Nunca tiveram contato com outras tribos, porque a sua região é completamente isolada.